

# SEMANA PORTUGUESA



O dr. Augusto Monjardino uma das  
maiores celebridades cirurgicas da  
nossa terra

7

REVISTA DE  
INFORMAÇÃO  
E  
-CRÍTICA-

1\$00







# SEMANA PORTUGUESA

Crítica Actualidades Arte Literatura

Administrador: JOSÉ B. VICENTE  
Redacção e administração e oficinas ≡ RUA  
LUZ SORIANO, número 94 ≡ LISBOA

DIRECTOR

CARLOS DO AMARAL  
Redactor principal: Bandeira de Tóro

Editor RAUL DE LYZ ≡ Propriedade da  
Empresa da «Semana Portuguesa» (em orga-  
nização) ≡ Rua Luz Soriano, número 94

Depois da tempestade... vem a bonança



## Século e Diário de Notícias

**T**ODA a gente se recórda cêrtamente, das campanhas acérrimas, por vezes até insultuosas, trocadas entre dois órgãos citadinos cujos nomes atingiram a popularidade, um denomina-se «Diário de Notícias» o outro, «O Seculo».

Qualquer dêles em largas parangonas e antetes, pretendia para si a honra retumbante de *maior expa são e circulação em Portugal* e conquanto fôsem de facto, duas forças poderosas no país, degladiavam-se ferozmente, chegando o ódio a atingir por vezes a perversidade e a calúnia.

Um, o órgão moageiro, fundado pelo saudoso jornalista Eduardo Coelho, o outro o órgão da Finança e do Capitalismo fundado por Silva Graça, esquecendo e calcando aos pés os nomes dos seus honrados e ilustres fundadores, esgrimiram por longos anos a espada dos seus processos e expedientes insultando-se mutuamente em artigos formidáveis.

Mas é bem certo o ditado, quando nos afirma que *do ódio ao amor... são dois passos*. Êstes dois baluartes matutinos acabam de trocar o seu primeiro beijo de amor, porque firmaram um contrato muito terno, muito meigo, todo paixão, todo carinho, em que se comprometeram a não fazer campanhas um ao outro, nem a publicar nas colunas, qualquer assunto que o mais simplesmente os prejudique.

«Semana Portuguesa» revista nova, que vive tão sômente do bom acolhimento que o público e o comércio lhe tem dispensado, não tem na sua sombra a moagem ou a finança aguardar-lhe costas, vigilante e cautelosa sentinela; «Semana Portuguesa» que não tem a sua pena assalariada aos interesses nem às conveniências de ninguém, entendeu combater desassombadamente o sr. Pereira da Rosa pela sua ingratidão mas

sem receber dinheiro de ninguém, sem vender a sua liberdade nem a sua independência.

Precisou de anunciar a sua campanha ao «Seculo» e mandou ao «Diário de Notícias» e ao «Diário de Lisboa» o seguinte original de anúncio:

### Leiam

**A Personalidade do dr. Costa Sacadura! Resposta ao sr. Pereira da Rosa director de «O Seculo», a sair amanhã na revista «Semana Portuguesa».**

Nada mais simples Um anúncio sem pompa e sem vaidade, mas apesar de toda a sua simplicidade, a administração do órgão da moagem, recusou-se recebê-lo!

O «Diário de Lisboa», recebe-o, leva-nos a insignificância de 41\$20, quarenta e um escudos e vinte pela sua publicação e marca-nos a sua 7.ª página.

Esperámos a sua saída, compramos o jornal para conferência do anúncio e... oh! surpresa... o Diário de Lisboa não publicava cousa nenhuma!

Esplêndido gesto de camaradagem jornalística, ótimo réclame para demonstrar os processos dum jornal!

O nosso réclame porém é grátis, *não custa quarenta e um escudos*, representa tão sômente uma oferta da revista «Semana Portuguesa» aos seus colegas da imprensa que tão honestamente servem o público!

Relevem-nos os leitores o réclame e apreciem e comentem como quiserem.



## AOS LEITORES

**O**BRIGADO por circunstâncias muito especiais e principalmente pelos laços de velha amizade que me prendem ao muito digno director da Semana Portuguesa, sr. Carlos do Amaral, aceite, embora com algumas restrições, a chefia da redação desta revista, que publica hoje, o seu sétimo número.

Sei bem, que a minha competência é relativamente módesta, pois não tenho nos meus recursos jornalísticos ou literários, riquezas de conceito, frases buriladas, voos ou arrojados de eleguência.

Porém, ao aceitar tão honroso mas difícil encargo, que é mais um compromisso tomado perante a minha consciência, do que o prorido de mostrar trabalho, que não pôde envaidecer-me a meu pesar, espero contar com a ajuda do distinto corpo redatorial e se a nossa boa vontade não fôr suficiente, iremos bater ao ferrolho, solicitando a homens de estudo e de ciência, para que colaborem connosco, esperan-

do assim contar com o auxilio de amigos dedicados, para dar brilho e interesse a esta revista.

A «Semana Portuguesa» é uma revista popular e como tal terá a mais completa informação, tratando de todos os assuntos de interesse nacional e de tudo quanto possa concorrer, para bem servir a elucidar os seus leitores, sempre com a maior isenção e imparcialidade e nas suas colunas, terão abrigo todas as reclamações justas.

A «Semana Portuguesa» cheia de esperança e de fé no futuro, tem pois um vasto programa a cumprir mas para que tal possa levar a cabo e para que não morra, necessita de braços fortes que a amparem pois é uma criança recenascida, pobre e frágil.

A «Semana Portuguesa» agradece todo o auxilio prestado e a dedicação dos seus amigos, assinantes e de todos os seus leitores em geral.

BANDEIRA DE TÓRO

## O Carnaval no Estoril

Nas noites de sabado, domingo e segunda feira de carnaval realt-sam-se grandiosos bailes no Casino do Estoril e nas tardes desses mesmos dias, haveri festas infantis, chás dançantes, natação cômica e outras diversões.

Os bailes de segunda e terça serão especialmente designados o de segunda por «Carnaval Veneziano» e o de terça por «Carnaval do Estoril».

Os bilhetes para esses lindos bailes podem ser marcados no proprio «Casino» ou pelo telefone Estoril 251.

## GLASURIT

*Vernizes e tintas de esmalte,  
— da mais fina qualidade —*

Depositário Geral  
JOSÉ NUNES COELHO

RUA FRANCISCO  
SANCHES, 112 a 120

Lisboa

### Pensamentos

A alma do diamante é a luz.

JONBERT

Trata os grandes como se trata o lume: não te afastes nem te aproximes de mais.

DIOGENES

## • CIMENTO LIZ •

★ EM ARMAZEM ★  
EM LISBOA

BENARD GUEDES, L.<sup>DA</sup>

RUA DO CRUCIFIXO, 75, 1.º D.º

— LISBOA —

## «Semana Portuguesa»

é a revista que mais convém ao anunciante que queira reclamar os seus produtos.





por

FREDERICO DE BRITO

Aquela tia Ana, estava desde manhã no meio de uma roda de vizinhas, a comentar o caso do dia que era o caso do bairro.

—Então que me diz você tia Amelia?

E a tia Amelia, uma velhinha vestida de preto, muito engelhada, olhos encovados que choraram muita lágrima, mostrando duas pérolas que se desprendiam das orbitas pisadas pelos anos, ia dizendo:

—E' verdade! A cachopinha não teve sorte nenhuma!

Quem havia de dizer que aquêlê moço enganava Cristo? Mas que se há-de fazer?

Agora o mal já está feito!

—E a rapariga, tia Amelia?

—Lá está lavada em lágrimas! O que há-de ela fazer agora?

Eu ao ouvir aquêlê grupo que comentava da fôrma mais variada o assunto daquêlê bairro de varinas, dispus-me a tirar um «instantaneo».

Naquela tarde de julho, partiu o Carlos da tia Ruça numa daquelas cidades flutuantes, de companhia com outros rapazes do sítio, que iam em busca das Americas, para onde lhe tinham prometido uma colocação vantajosa.

Era a fortuna a enfeitá-lo.

Teciam-lhe fantasias sôbre aquêlê país distante, onde os homens môravam mais perto do céu, pois os telhados dos prédios enormes, deviam rir das cruzes dos nossos templos, tal era a sua altura e o filho da Ruça lá foi!...

Rolaram uns uns e ei-lo de volta, depois de ter de se sujeitar a trabalhos e canceiras, êle que nunca tivera ganas para mecher uma palha, mas lá trazia a sua fígada como soe dizer-se e quando appareceu no bairro todo janota, a meter inveja ás raparigas casadoiras, appareceu-lhe uma daquelas velhas solteironas e alcoviteiras, a arranjar-lhe um casamento, um casamento para êle que dizia vir cheio de dolars!

Amigo Carlos dizia que não, que não estava para casar com nenhuma

pelintra, que em tempos o desprezasse e agora sabendo-o rico, um «americano», já estava disposta a aceitar o valdevinos de ontem que era hoje um homem considerado.

A alcoviteira dizia-lhe que a neta da tia Amelia, era uma rapariga muito ajuisada, embora fizesse uns bons vinte anos de diferença e para menos, pois ela ia nos desoito e êle já andava a rondar os quarenta, mas que sim, que já tinha a herança do pai, o Lucas das fragatas, que a mãe também lhe deixára a fortuna inteirinha e que se lembrasse que a avó já estava comospês para a cova e ela, a Marquinhas, comolhe chamavam, era a unica rapariga digna de casar com um americano.

Fizeram a proposta à tia Amelia, de casar a neta com aquêlê rapaz que já não era creança e que podia fazer o futuro da pequena.

A velhinha a principio teve selofância em entregar aquela florinha nas mãos do filho da Ruça, que ela conhecia de sóbra, mas como êle vinha rico e todo bém pôsto, podia sêr que fôsse para bém.

Preguntada a Marquinhas, essa como tôdas as raparigas, aceitou sem pensar que o alvorôco dum casamento, deve sêr recebido a sangue frio e... casaram.

Combinou-se que iriam passar

uns meses à terra, para que tôda a Torreira e Mortosa soubessem que o filho da Ruça, tinha casado com a mais linda rapariga da Madragôa.

Lá foram de abalada em carruagem de segunda e êle que pôr mais tempo não pode esconder a miséria que tão bem encadernava no seu fato à americana, veio à mostrar que o trabalho continuava a sêr o maior sacrificio para quem nunca teve ganas de mecher uma palha.

Do «americano» rico, apparecia agora o filho da Ruça, o valdevinos que já se preparava para vender e esbanjar, tudo o que a pabre Marquinhas tinha na terra, tratando-a como êle fôra educado.

Foi então que aquela rapariga, a única digna de casar com um «americano», — no dizer da alcoviteira — via toda a extenção do seu erro e teve a idéa de vir sosinho de abaíada para a casinha da avó, aquela tia Amelia que eu vira na Madragôa, tão engelhada, a mostrár duas pérolas que lhe caíam das órbitas pisadas pelos anos.

A tia Ana, lá continuava numa roda de vizinhas, a comentar a vida que iria levar aquela pobre Marquinhas, a quem uma alcoviteira arranjara um noivo «americano».

F. B.

## O teu soneto

*Durou tão pouco o nosso amor, Maria  
Aurora que tão cedo se fez noite  
Deixando-me sem ter onde me acoitte  
Sepultando, ao nascer, minha alegria.*

*Foi só um mês, de idolatria louca  
Trinta dias de sonho inebriante.  
Numa caricia enorme, perturbante  
Inda me aquece a tua linda bóca.*

*Horas de encantamento que vivemos!  
E as cavalgadas doidas que fizemos  
Nos fogosos carceis de fantasia.*

*Tudo que é bom, se vai, ás gargalhadas!  
Em convulsões clownescas, dementadas,  
Num bailado indísioel de fronta. . .*

MARIO GUERRA ROQUE



JÁ sabiam os senhores que as chávenas de café também atraíam, tal como as mulheres, que num momento só, deitam por terra, impiedosamente, o castelo de formosas torres que nos tinham deixado architectar?

Pois se o não sabiam, e nunca o tinham pensado, ficam-no sabendo agora.

Pode isto parecer um sôpro de imaginação. No entanto, estão redondamente enganados os que assim pensarem. Garanto-lhes, por minha fé, a autenticidade absoluta do que lhes vou contar.

Oíçam, pois:

Quando saí de casa, após a meu jantar, eu vinha firmemente disposto a rabiscar um artigo interessante pleno idéas sólidas e conceitos felizes, tratadados numa linguagem rica de tonalidades, e de sabor moderno.

Não lhe sabia o título. Desconhecia-lhe mesmo o assunto, mas alimentava-me a esperança do triunfo a idéas bastante risonha numa chícara de café, que me tinham assegurado dar um resultadão nas folhas imaginativas.

Esse precioso estimulante resolveria decerto o problema — dissera eu com os botões da minha coçadíssima batina (participo-lhes que sou estudante como toda a gente, parafraseando o dito célebre do extraordinário Junqueiro...).

Entrei na Brasileira do Chiado.

Com uma coragem que a mim próprio espantava, eu tinha tomado a decisão propositadamente criminosa, de invadir o reduto dos artistas da pena e do pincel.

Olhei em volta. Lá estava o dr. Ramada Curto, figura inteligente de

estrábico, quem sabe se imaginando uma nova peça teatral, talvez uma segunda «Cadeira da Verdade»...

Numa roda de amigos, Mário Saa, o eterno *blagueur*, falava certamente de judeus...

E ainda: Rui Coelho, Teixeira de Pascoais, Almada Negreiros, Gualdino Gomes, Teixeira Cabral.

tora, que iria livrar-me duma situação algo embarciosa.

Fiz passear os meus olhos inquietos, a percorrer as mesas, uma a uma.

Talvez a frase com que iria começar o meu artigo, estivesse jogando comigo às escondidas...

Nada. Perto, um mancebo quasi imberbe — possivelmente um so-

## A traição duma chávena de café

e outros mais, os grandes da tertúlia.

João Franco, um dos galegos que não querem a anexação da Galiza a Portugal (não julgue o Mário Saa que isto é piada...) serviu-me o providencial café.

Rejubei. Tinha, finalmente, diante de mim, o milagroso nectar intelectual.

Na minha proverbial ingenuidade de principiante, parecia-me ter nas mãos o Universo, sob a forma duma macia bola de barro de Estremoz, que eu iria modelar, a meu bel-prazer.

Peguei na minha *Conklin* e dispuz-me a escrever. Detive-me uns momentos, à espera da idéa reden-

nhador impenitente, como eu — desenhava bonecos sobre o mármore frio da pequenina mesa.

Talvez pensasse vir a sêr um dia outro Stuastr; talvez acalentasse o sonho sensual de vir a fazer mais tarde desenhos espantosos, com paus de fósforo molhados em tinta da China...

E o preconcebido artigo, que eu imaginava febrilmente, estava por fazer.

Irritei-me com a chávena de café, que me parecia sorrir diabólicamente, num rictus de troça miserável.

Confesso-lhes que me assaltou a tentação diabólica de a atirar ao chão, e de a pisar.

**CENTENO & NEVES, L.<sup>DA</sup>**

204, Rua da Prata, 206

Depósito de drogas, tintas, vernizes, alvaiades e secantes da marca «Fiel». Essências para lenço e de frutos em todos os aromas. Vendas por grosso e a retalho. Fornecedor dos Hospitais Cívicos.

Anunciar na «Semana Portuguesa» é reclamar bem os seus productos e leva-los ao conhecimento do público.

**Julio Gomes Ferreira & C. Lda**

(Casa fundada em 1832)

Estabelecimentos: 82, Rua da Victória, 88

166, Rua Aurea, 170

Fábrica: 17, Rua de S. Thiago, 19

**INSTALAÇÕES**

Sanitarias, Electricas, Aquecimento, Balnearios, Mobiliário Hospitalar, Salas de Operações, Contra Incendios, Illuminação Cosinhas, Ventilação, Refrigeração

**T. S. F.**

Serviços d'Officina

Estudos e orçamentos

Telefones P. B. X. 21361-21362

vendas a prestações



## Visitas

Tivemos o prazer de alcançar na nossa redacção o nosso querido amigo Victor Rosa, ilustre redactor correspondente da «Semana Portuguesa» na Ilha da Madeira.

Agradecemos-lhe a gentileza da visita e apresentamos-lhe os nossos cumprimentos de boas-vindas.

## José Bernardo Vicente

Assume hoje o lugar de Administrador da Empresa da nossa revista o sr. José Bernardo Vicente, em substituição do sr. Artur A. de Amaral que por motivos de ordem particular e a seu pedido não pode continuar á frente da nossa administração.

## esta revista

*foi executada nas officinas gráficas de Alvaro Silva & J. B. Vicente, Limitada*

94, Rua Luz Soriano — LISBOA

Como um balde de água, caiu sobre mim nesse momento a sensação gelada de que o meu «portemonnaie» bem pouco tinha...

Foi então que no meu espirito tomou o vultu dum Adamastor, de «boca negra e dentes amarelos» a idéa de que fôra ignóbilmente atraído por essa minúscula e comestinha chávena de café.

Cheguei a têr vergonha de mim próprio.

Intimamente, jurei tirar desforra da ofensa.

E sabem como? Mandando, assim mesmo, o artigo para a redacção. Talvez essa descarada viesse a arrepende-se do crime conscientemente cometido...

E se bem o pensei, melhor o fiz. Le aí está, o artigo, a sugerir aos raros que tiverem a paciência evangélica de o lêr, a desconfiança pelos cafés inspiradores...

MARIO GUERRA ROQUE

FOI

visado pela C. de Censura

## AS NOSSAS COLONIAS

Tem-se falado e discutido bastante sobre as nossas colonias, com mais ou menos acerto, porém, houve alguns anos, que a desgraçada administração colonial foi uma autentica falperra — resalvando-se dêste monturo a figura prestigiosa do nosso Exército sr. general Norton de Matos, que numa boa hora iniciou uma obra de verdadeiro ressurgimento — que outros infelizmente e com bases não souberam levar a cabo.

As colonias, faltas de administradores e servindo para todos os ditirambos patrióticos acerca da coíça que despertavam nos estrangeiros, eram, afinal cobichadas pelos individuos que pretendiam governá-las, para se governarem e poderem proporcionar, aos seus apañiguados, toda a especie de conêcias.

Um nepotismo feroz que tudo subjugava arrogantemente e tudo calcava com um desprezo aviltante exercia-se do continente para o ultramar e lançava, a Nação, na miséria pavorosa a que chegámos, provocando, ao mesmo tempo, a assustadora decomposição que, pouco a pouco, ia fazendo a desagregação da nossa Patria.

As colonias onde não deviam chegar os ecos dos doéstos que bem mostravam a lama em que se chafurdava e que por estarem

longe do Terreiro do Paço, podiam e deviam mostrar, ao Mundo, que nem tudo em Portugal estava perdido, eram para vergonha nossa, a prova cruel e evidente do contrário, se não fizéssemos um grande e dignificador esforço para nos salvar-mos.

Coloniais distintos, cujo saber e cujo estudo dos nossos problemas coloniaes, serviam, apenas, para realisaem sábias conferencias e escreverem artigos esplendidos, verificavam, com assombro, que nada valia preocupar-se alguém, com o nosso sagrado património colonial e que as nossas possessões só podiam servir para elegerem deputados e darem ensajo a chorudos ordenados aos fálhos da politica e aos ambiciosos apadrinhados ou cotados nos diversos corrilhos que proponderassem na Nação.

Todos esses factos, bem dolorosos para os portugúeses, constituíam autenticas vergonhas a que de há muito se tornava urgente pôr termo, vergonhas que os altos e sacratissimos interesses da Patria e da Republica nos impõem o dever de envidármos todos esforços possíveis, para que jámais venham a repetir-se.

Resta-nos a consolação de que a História ha-de fazer-se e que a posteridade dirá, finalmente, a ultima análise. BANDEIRA DE TÓRO

## Júlio das Farturas

Animado Salão de Festas do

PARQUE MAYER

cinema, variedades e orquestra jazz

Constantes e valiosas surpresas

Entrada grátis — Rigora selecção

Um

próximo número da «Semana Portuguesa» é dedicado ao comércio e á indústria do

ESTO  
RIL



# Carta



# Semana

**E**ngrácia. O Kaizer volta Alemanha,  
Li isto ainda há pouco na gazêta;  
Vae tratando da roupa e da fardeta,  
Pois vamos têr de certo mais castanha,  
O Japão abandonou a Sociedade,  
Onde pertecem quasi todas as Nações;  
E dizem que não deu satisfações,  
P'ra comer os chinezes à vontade.  
O Perú tambem anda revoltado,  
O Uruguaes c'ò a mostarda no nariz;  
Em Berlim botam trunfos os nazis,  
Anda tudo como vez, emaranhado.  
A França ali à prêta quer sabêr,  
Para dar satisfações a todo o mundo;  
Porque razão, os seus barcos vão ao fundo,  
Há-de sabêr amanhã se Deus quizer.  
N'América por um triz, o presidente,  
Não foi até San Pedro, d'abalada;  
Salvou-se, chupou outro essa queijada,  
A carinho e meiguice rescendente.  
Na galiza, n'essa terra de franqueza,  
Trabalha-se com afan e com ardôr;  
N'uma festa, um encanto e um primôr,  
Que se chama Semana Portuguesa.  
Devo minha Engrácia, prevenir,  
Que a Semana eu irei representar;  
Mas descança, não me vou apaixonar,  
P'ra junto dos teus braços hei-de-vir.  
Vae ser uma semana de loucura,  
Um prazer que não tem, por muitas vezes;  
Por mim hei-de mostrar que os portuguezes,  
Sabem pagar as gentilezas com ternura.  
Ás damas, levarei por gratidão,  
Um «bouquet» e um sonêto magistral;  
N'uma «corbeile», a alma, o coração,  
O amôr como se sente em Portugal.  
E depois ao regressar à Pátria querida,  
Eu sei que encontrarei n'uma tortura;  
O teu amôr, que é toda a minha vida.  
Mas que socêgo com um de ventura.

LARAMA

## ALHAMBRA

Cabaret ♦ Dancing ♦ Restaurant

O Salão mais  
animado e  
alegre do Par-  
que Mayer

CINE E VARIEDADES

♦ ABERTO TODA A NOITE ♦

## M. MARTINS

Aparelhos Orthopédicos  
e Protheticos, Fundas,  
Cintas Medicinai, Meias  
— :elásticas, etc. :—

*Fornecedor dos Hos-  
pitais Civis, Militares e  
dos Caminhos de Ferro  
Portuguezes*

Medalha de Ouro na Expo-  
sição do Rio de Janeiro 1908

170, Rua da Madalena, 172  
Antiga Calçada do Caldas

LISBOA



**ECO DISTANTE...**

VITOR ROSA

Ao meu ilustre amigo sr. Mário  
Barata da Cruz — Director dos  
Correios Coloniais.

Nas tascas da Mouraria  
Cantava linda mulher:  
«Hei-de sêr feliz um dia  
Porque um dia hei-de morrer».

E abraçadinha à guitarra  
(Duma maneira bizarra),  
Dedilhava  
E cantava  
Um fado triste  
Que não existe...  
Que as almas galvanizava...

De olhar tam belo,  
Era o anelo  
Dum fadista desgraçado;  
Se ela fitava outro olhar  
Mordia os lábios, coitado,  
E quedava-se sombrio,  
Pois tinha ciúme e brio  
Das chamas do seu olhar...

Naquela boca  
Do fadista apaixonado  
Mil beijos havia dado...

Cresceu o ciúme  
Até que o lume  
Daquele amor se inflamou...  
E desvairado  
O desgraçado  
O desgraça  
O seu punhal lhe cravou;  
Não a matou.

Mas foi preso, e foi julgado,  
E por fim foi degredado...

E se hoje na Mouraria  
Lhe falam no louco amante

Que num ciúme constante  
Lhe ralhava e lhe batia,  
Põe-se a chorar,  
E de mansinho,  
E com carinho  
Um retrato vai beijar.

É o retrato do amante  
Que delirante  
Lhe batia a cada instante...

E assim Ela  
Que era tam bela  
Não o esquece um só momento...  
E a sua voz  
(Aquele voz)  
A soluçar...  
E' um saudoso lamento  
Mais triste que a voz do vento...  
Mais triste que a voz do mar!...

*Braga, Janeiro de 1933,*

ARNALDO TEIXEIRA

(Do livro em preparação *Cantares  
dum Português*)

A "Semana Portuguesa"  
vende-se no Porto  
e em todo o Portugal

Chegado recentemente da Madeira, da linda perola do Oceano, teve a captivante gentileza de nos visitar o sr. Victor Rosa, amigo muito querido de há quatorze anos.

Depois de avivadas as saudades depois de recordarmos passagens interessantes da nossa vida no Funchal, oportuno se tomava uma entrevista sôbre a sua viagem a Lisboa.

Perguntámos:

— Victor, você que se tem desempenhado brilhantemente do cargo de nosso redactor correspondente no Eden do Atlantico, quer dizer-nos quais os fins da sua viagem e os motivos que o trouxeram a esta cidade de marmore e de granito?

— Responde-nos amavelmente; com muito prazer, traz-me uma missão do empresario cinematográfico; sou um dos sócios do Cine Cruzes da Madeira, cinema ao ar livre, inaugurado na época passada com os melhores resultados.

— Quer dizer que deseja corresponder à preferência do público duma maneira que o satisfaça inteiramente?

— Evidentemente, e para tanto não me pouparei a sacrificios de toda a ordem para levar para o Funchal tudo o que ha de melhor no cinêma.

— Vem então dispôsto a bater o record da cinematografia madeirense?

— Talvez, penso até inaugurar muito brevemente o cine sonoro na Madeira emfim vamos a vêr.

Victor Rosa que acaba de fechar um contracto com uma das noasas mais importantes companhias cinematográficas, segue muito brevemente para a sua terra natal, satisfeito por poder oferecer aos seus conterrâneos o producto do seu trabalho honesto e inteligentes.

«Semana Portuguesa» apresenta-lhe os seus melhores votos de boa-viagem e no seu melhor abraço de sincera amizade as saudades com que recorda os amigos e com elas os seus votos muito sincero da linda encantadora Ilha da Madeira.



# PÁGINA LITERÁRIA

## AO SOL

*Tu sim, tu é que tens dum deus a essência...  
Reconhece-se a tua divindade  
Na branca luz formada de bondade,  
Mais bela de que o peito da inocência.*

*Teus raios são os raios da existência,  
Espadas da justiça e da verdade,  
E nêsse livro azul da imensidade  
E's em letras de fogo a Providência.*

*Ah! se um dia a matéria desvairada,  
Perdendo-se em seu próprio cataclismo,  
Te congelar a esfêra abraçada,*

*Ha-de a terra chorar no teu abismo  
E, auando apalpe a imensidão do náda,  
Ha-de soltar rugidos de ateísmo.*

Sousa Viterbo

## DESALENTO

*Ai que dôces momentos há na vida,  
Quando ela nos seduz, cheia de encantos;  
P'ra mim, porém, viver, já me intimida;  
O Mundo se tornou num vale e rantos.*

*Parêce que já vivo há anos tantos  
Em vão buscando a morte que me olvida.  
Desilusões sòmente, enganos quantos...  
Cada vez mais minh'alma está dorida.*

*Porém, que culpa tem a Naturêsa,  
Que seja o meu viver amalfadado,  
Como em geral se costuma dizer?!...!*

*Só culpa tem e digo com firmêsa,  
As leis dum Mundo tão degenerado,  
Que injustamente me fazem sofrer.*

Bandeira de Tóro

## NOITE DE NUPCIAS

*Branca fâda gentil de róseos seios  
manda, sorrindo, em divinais carinhos,  
á nossa alcóva um turbilhão de anseios,  
ao nosso abraço a placidez dos ninhos.*

*Nada me ocultes com febrís receios:  
fluctua, cansa nêste mar de arminhos...  
que os teus encantos ltmridos toquei-os  
com mais desejo que aos famosos vinhos.*

*Meu coração pertence-te; minh'alma  
ha-de cingir-se a tudo quanto anhelas,  
numa satisfação íntima e calma*

*Que o gôso inunde o conquistado leito  
e abracem-me teus beijos, como estrêlas  
que do céu me caíssem sôbre o peito.*

António Fogaça

Lêr a «SEMANA PORTUGUESA»

é conhecer os assuntos  
palpitantes da semana



# T • E • A • T • R • O

**S. Carlos** — *A Madrugada* — peça em 4 actos, de Fernando Caldeira.

Para reabertura de S. Carlos, foi posta em cena a deliciosa peça de Fernando Caldeira, «A Madrugada» largamente aperiçada na sua época e por isso desnecessário se torna fazer qualquer referência, tendo o publico que enchia por completo a casa, aplaudido com justiça, não só a peça como os artistas que a intrepertaram.

Não mentiamos ao escrever no nosso artigo dedicado a Ilda Stichini, dizendo que ela com o seu dêdo de mestra nos iria dar algumas peças antigas, mas escolhidas pelo seu grande genio de artista, e assim foi.

O seu elenço formado, na sua maior parte por artistas dos mais intel gêntes do nosso teatro, tendo a dirígilos a grande e simpatica artista que é — Ilda Stichini, concorreram para a brilhante desempenho de «A Madrugada».

A Ilda Stichini e a todos em geral os mais sinceros aplausos.

J. M. B.

**Trindade**: — *O Filho do Rei dos Prêgos*: — Comédia farsa em 3 actos, brasileira, de Gastão Paigeiro.

Falada como grande exito nos Teatros do Brazil, veio até nós, para inauguraçã, da época carnavalesca no Trindade, e assim animar o publico, nas noites de folia,

## C I A R I T I A I Z

**S. Carlos** — 21,50 — «Os hospedes da D. Epifania».

**Nacional** — 21,50 — O homem das calças pardas.

**Trindade** — 21,50 — «A lingua das mulheres».

**Avenida** — 21,50 — «O noivo das Caldas».

**Ginásio** — 21,50 — «Viva a folia».

**Politima** — 21 — «Terra de Cantigas» e baile

**Apolo** — 20,50 — «O pé descalço».

**Maria Victoria** — 20,50 e 22,50 — «Grande espectáculo e baile»

**Variedades** — 20,50 e 22,50 — «Desculpa ó Caetano»!

**Capitolio** — 21 «Variedade e cinemas».

**Coliseu** — 21 — «Circo, variedades e baile»

esta comédia que afinal foi com muito esforço e até mesmo, muito que conseguí achar a graça de que vinha afamada.

A intrepertações embora bõa e principalmente da querida e popular artista Tereza Gomes que é a grande amadora dêste genero, não conseguiu brilhar, devido à peça, que é muito másinha.

J. M. B.

**Trindade**: — *Tip-Top*: — revista com um prólogo, um acto e cinco quadros, original de Acácio de Paiva e Eurico Braga, musicada por Fernando de Carvalho.

Cheia de espírito e bom humor de Erico Braga e a feliz inspiração do nosso grande poeta Acácio de Paiva subiu a cena no «Trindade» esta revista que merecia como diz Antonio Ferro na sua critica «viver independentemente da época que a provocou».

E' uma revista de actualidade com bõa musica e a sua intrepertação embora fóra do género em certos artistas, foi o mais cuidada possível.

Lucilia Simões na «pobresa envergonhada, disse magistralmente.

Continua na página 11

## DUPLICADORES GESTETNER

Maquinas de escrever, comerciais e portateis **Kappel**

Fitas, papeis quimicos, papeis para Duplicador, Oficina, etc.

### A GESTETNER LD.<sup>A</sup>

Lisboa — Rua da Conceição, 125 — Te-  
— lefone 2 2628 —

Porto — Rua Passos Manuel, 249 — Te-  
— lefone 5419 —

## AUTO - LUSITANIA

Alfredo Duarte Ld.<sup>a</sup>

Stock permanente de todos os artigos para automobilismo.

Salão de vendas: Avenida da Liberdade, 75 a 79

Armazem e Escritório: Avenida da Liberdade, 73-1.º

Telef. PBX 21311 Telef. Autositania

**Lisboa**



# SAÚDE PÚBLICA



Dr. Francisco Gentil



Dr. Augusto Monjardino

## EM REDOR DUMA CAMPANHA QUEM CALA... CONSENTE



**A** «Semana Portuguesa» ao iniciar nas suas colunas a defeza dos srs. drs. Francisco Gentil, Augusto Monjardino e Costa Sacadura, contra a ira furiosa e desvaivada do sr. Pereira da Rosa teve diversos objectivos, entre elles lavar as calunias que tão torpemente foram atribuidas a três glóriosos homens de ciência a quem a sociedade portuguesa muito deve pelo facto dos mesmos terem relevantes serviços prestados à Pátria e à Humanidade.

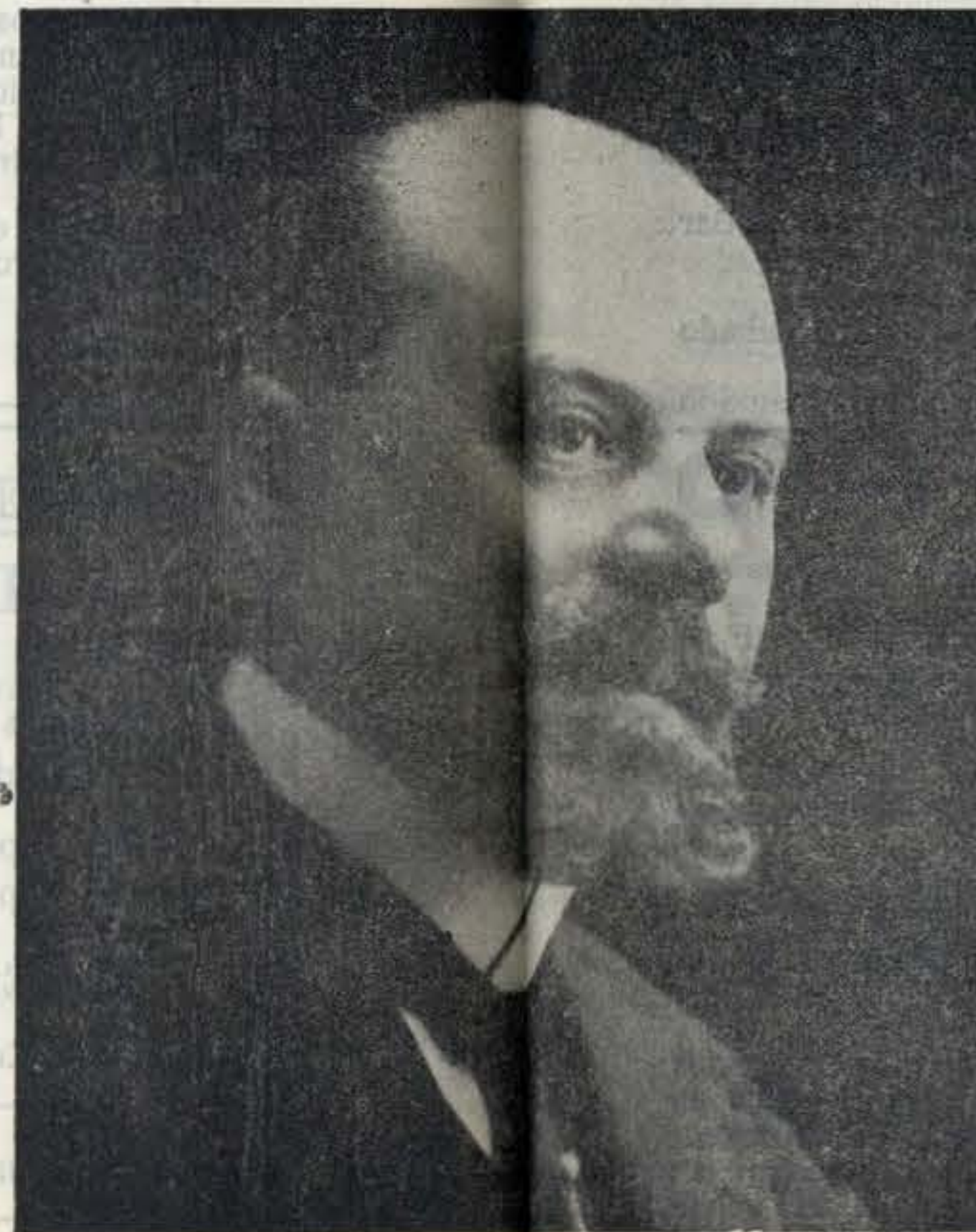
Outro objectivo não menos preponderante e oportuna pela circunstância de estarmos num periodo em que tudo nos aconselha o Nacionalismo, o sr. Pereira da Rosa com suas frases acerrinas espumando odio e um tanto ou quanto doentias, pretende assim, acabrunhar desprestigiando a cirurgia na pessoa de três Mestres, (bem portugueses) esquecendo na sua cegueira delirante uma das ciências que nos honra e prestigia sobremaneira, nada ficando a dever ao que de melhor se pratica hoje no estrangeiro.

Ainda outro objectivo, e esse o principal que nos obriga a vir a publico, é o do sr. Pereira da Rosa

tentar descaradamente semear a descrença e a desconfiança na família portuguesa, facto esse que ficaria impune se a Semana Portuguesa não viesse com o calor vibrante da sua pena e com a sua radiosa mocidade gritar bem alto *quanto infame é a calunia e a torpesa da baba nojenta e venenosa com que o sr. Pereira da Rosa audaciosamente procurou consporcar o nome honrado e digno de três celebridades que fazem ecoar seu nome aureolado pela sabedoria e pelo respeito muito além das nossas fronteiras.*

Enganou-se porém o sr. Pereira da Rosa, ao procurar enraizar no espirito do povo com as suas espantosas edições a convicção das suas investidas quixotecas, nada fez porém, do que perder tempo e inutilisar papel (com que só lucraram os fabricantes) porque o público já o conhece há muito, como homem espalhafatoso nos seus processos bem como nas campanhas que ainda bem patentes estão na nossa memória e que outro fim não teem senão o de caça à nota objectivo único que sempre tem em vista.

O nosso povo porém, já não é



Dr. Costa Sacadura

trouxa, já não come há muito as pastilhas que o sr. Pereira da Rosa lhe pretende impigir no órgão da Finança e do Capitalismo.

A sua campanha longe de satisfazer os vís interesses da sua cobiza, mais veio acentar ainda a honra a dignidade e o prestigio há muito conquistado por esses três baluartes da cirurgia lusitana.

Felizmente, para honra nossa o caluniador jáz desamparado e só, isolado na escuridão tenebrosa e apavorante daquêles que se desprezam depois de serem açoitados publicamente com o aprobio, com a lama e com a deshonra com que pretenderam atingir e vexar os outros.

A nossa campanha é honesta, despida de interesse material ou financeiro e tão sómente os aljestivos expostos nos obrigam a vir desassombradamente à luz clara da imprensa desafrontar o agravo com que injusta e ignobilmente foram atingidos três homens que teem salvo milhares de vidas.

Sómente por maldade e com um fim confessadamente reservado... que nós bem conhecemos, o sr. Pereira da Rosa pretendeu o descrédito dèstes três cirurgiões, sem se

lembrar que todos os odios recalhariam na sua pessoa.

Finalmente sr. Pereira da Rosa a quem deveria recorrer a grande massa sofredora que necessita dos recursos da cirurgia?

Aos charlatães ou curandeiros? Certamente que segundo o seu critério assim deveria sêr.

Quando se tem a ousadia de chamar assassinos a três celebridades medicas incontestavelmente as melhores, é colocar a sociedade numa duvida criminosa!!!

Venha, Venha a terreno sr. Pereira da Rosa não basta que mande colher informações daquêles que trabalham na «Semana Portuguesa», é preciso responder, mas com base, com critério, desassombradamente, sem torpeza, sem vilania e sem calunia!

A Ingratidão tinha na Grecia a premiá-la a *pena de morte*, em Portugal que seja ao menos premiada com o desprezo.

Venha a terreno, responda, não fique na sombra enganadora do silêncio!

Quem cala... Consente!...

CARLOS DO AMARAL



# C · I · N · E · M · A

## Tivoli — *Vingança de Aguias*.

Obra forte e emotiva, em que simultânea e interessantemente são focados dois films o que nos proporciona a vida real e o que nos oferece a vida do studio Filmagem magnifica, com perigosas evoluções de aeroplanos, das quais há a destacar tres imponentes quedas que emocionam.

Interpretação equilibrada de Richard Dix, Robert Armstrong, Joel Mc Crea, Mary Astor, Dorothy Jordan e Erich von Strohem, que merece referência pelo seu brilhante desempenho.

Realização de George Archimband como sempre boa.

Em resumo filme que interessa que seduz digno de ser visto.

A. MONTEIRO

## Royal e Ginásio — *Amante improvisado*.

O publico sai sempre satisfeito dos films de Pamplinas.

As criações burlescas criadas por Buster Keaton são sempre um exito absoluto das suas fitas.

A farsa estreada nos cinemas Royal e Ginásio, que se compara-

mos a outras podemos considerar inferior, é, como não podia deixar de ser engraçada, e faz rir o publico que francamente gosta.

Antes deste film exhibe se o Amaranthe (Documentário Português), que merece referências pela sua boa fotografia.

A. F.

## Odeon e Palácio — *Alvorada do Amor*.

Um titulo pomposo, mas que não corresponde á marcha do film.

Ramou Novarro e Helen Chandler, compõem o tipo de dois amourosos, u'uma interpretação francamente boa.

Estes dois artistas conseguem por vèzes tomar a acção menos menos monótona, dando-lhe mesmo uma certa belêza.

A mocidade dos seus corações, traduzida em verdadeira apoteose de beijos, produz no espectador um certo bem estar, quem sabe se o fazendo recordar algumas passagens da sua vida.

A realização é fraca. No entanto o seu realizador já nos tem dado ótimas produções, Citamos, por exemplo, «O beijo», com Greta Garbo na protagonista.

A. F.

## C · A · R · T · A · Z

**S. Luiz** — Maré de sorte

**Tivoli** — Louco por cinema

**Central** — A bela aventura.

**Condes** — Precisa-se d'um filho

**Ginásio** — Amante improvisado

**Odeon** — Os 5 do Jazz

**Chiado Terrasse** — Eu de dia e tu de noite.

**Royal** — O amante improvisado

**Olimpia** — Atlantida

**Palácio** — Os 5 do Jazz

**Lys** — O rei da sorte

**Paris** — Tu serás duquesa

**Europa** — Luses da cidade

**Palatino** — Tio son na côrte do rei Artur

**Promotora** — Sonho dourado

**Eden Cinema** — Uma rapariga e um milhão

**Jardim Cinema** — Espectaculos variados.

**Cine Oriente** — Caminho debaixo da Penha

**Cine Rocio** — Arco Bandeira

**Belgica Cinema** — R. da Beneficência

**Max Cine** — R. Barão de Sabrosa

**Salão Ideal** — R. do Loreto

**Musicar Cinema Parque** — Bar e cinema

**Salão Lisboa** — Mouraria

**Cine Paris** — Beato — 4.ª sabado e Domingo

**Salão Portugal** — C. da Memoria

## T · E · A · T · R · O

Continuação da página 14

Aura Abranches admirável na caricatura duma autora dramática. Maria Helena um bom reclame ao socolento banacau.

Graciosa Costa do Sol, apetecivel esquimó e não menos apetecivel noiva.

Maria Salomé justamente aplaudida na Cubana.

Aida Ultz, elegante chefe de quadros, e uma discipula que sabe honrar os seus mestres

Reservo para o fim Tereza Gomes que teve que bisar quasi todos os seus numeros dando-me a impressão que o Teatro da Trindade se tinha transportado para o Parque Mayer dado o ambiente popular que aquela grande artista lhe soube dar.



O comandante Drosle (Jean Murat), inventor de «I. F. I.», vê finalmente realizado o seu sonho grandioso. A agência H. da Costa, apresentará brevemente esta super-produção.





# PÁGINA DA MULHER

## Origem dos crisantemos

O inverno havia estendido o seu manto nevado sobre o Império do Sol Nascente. As árvores estavam despidas de folhas e o vento frio passava assobiando pelos troncos nus. Tôdas as flôres — os meigos sorrisos da Natureza — haviam fenecido, tôdas.

Esquecida da inclemência do tempo, num cemitério deserto, uma creança soluçava sobre a tumba da mãe, recém sepulta. Chorava e espargia sobre a terra húmida as lágrimas quentes de seus pequeninos olhos e pensava: «Como a bôa alma da mãe se alegraria se as mãos de sua filha plantassem pés de flôres, junto de seu tumulo, silente»?!

E em vão procurou, ansiosa, flôres pelas devêsas e valados. Como encontrá-las, se as próprias árvores estavam despidas de folhas e o frio passava assobiando pelos troncos nus?

Afinal, seus olhos marejados de pranto só viram as flôres desenhadas no vestido que trajava. Eram umas flôres muito lindas, que um fantasista idealizou, de pétalas finas e longas, brancas e com uns léves tons rosádos.

A «Semana Portuguesa» ao iniciar a Página da Mulher, procura bem servir e orientar as suas leitoras, em todos os assuntos que lhes possam interessar, tais como: Modas, Bordados, Receitas úteis, Culinária, etc., etc. bem como, acaba de criar um Consultório, para de pronto, poder responder a tôdas as exigências femininas, dirigido por uma competente colaboradora.

Tôda a correspondência deverá ser endereçada a «Página da Mulher», Redacção da SEMANA PORTUGUESA — Rua Luz Soriano, número 94 — LISBOA

E a pequenita, despindo o *kinono* que a resguardava do frio, estendeu-o sobre a campa da mãe, murmurando: «Mãesinha adorada: em falta de outras, tu terás estas flôres... Perdôa-me, sim? Os campos estão desértos».

E conta a lenda japonesa que o grande espírito de Buddha, compadecido do carinho cordial dessa creança, deu vida e fez desabrochar as flôres belas pintadas no pequenino vestido, estendido sobre a campa gelada da mãe morta.

Haviam nascido os crisantemos!

O. M.

## Coisas úteis

Para tirar as rugas do rosto e o avermelhado do nariz

**P**ARA evitar as rugas em volta dos olhos e no rosto, banhai com água quente bem esperta.

Para obstar o avermelhado do nariz, próprio da meia idade, adotaí compressas quentes.



## Culinária

### Bôlo para chá

**6** chávenas de farinha de trigo; 2 chávenas de açúcar; 1 chávena de leite; 2 ovos; 1 colher de chá de canela; a mesma quantidade de bicarbonato de sôda; uma noz de manteiga.

Amassa-se bem e deita-se às coihersinhas num taboleiro pulvilhado de farinha.

Vai ao forno.

*Fala para que eu te conheça.*

SÓCRATES

*Uma grande vontade dá uma grande corágem.*

DU TREMBLAY

# LAMPADAS PHILIPS

## POUPAM A VISTA E O CONSUMO DE CORRENTE





# A DANSA COM PUNHAIS

NOVELA

.....  
**S**El que através esta carta me verá alucinado. Mas não, meu caro, não foi paixão; foi uma epilepsia sentimental, a duo, exacerbada, cruenta. Sabes, exteriormente, como acabou. O meu nome, obscuro mas orgulhoso, andou enroscado pelo soalheiro dos jornais.

E, dou-te a minha palavra — comecei por sentir só pena de que ela andasse esbanjando a sua pobre pilha de nervos, numa roda de farsantes untuosos, que a incensavam de licenciosidades aduladoras, como a ídolo bárbaro. Doía-me os nervos, arrepanhava-mos, ouvi-la expôr as suas impertinências frias, aceradas, entre atitudes que se desgrenhavam como as dos fantoches. Porque tôda ela era assim desequilibrada, desarticulada, esguia, de um loiro fulvo, brutal, os olhitos verrumantes, de pássaro, e pintava-se de tintas geladas, de ocaso, de pedras duras — como dizem os franceses.

Até que, uma tarde, ali, à mesa do Café, nos indispuzemos em grande cena: todos do grupelho, especialmente o Enes, o mais xaroposo e palhaço, tomaram — miseros cavaleiros da triste figura — o seu partido; e retirei impassível... no fundo, mais irritado comigo que êles próprios. E recordo, ainda tenho presente como a cicatriz de uma chaga, quanto me custou moralmente êsse gesto, depois agravado com a humilhação, o opróbio de saber, por vias escusas, todo o grupo de acôrdo com ela em que me excedera por despeito.

Mas um dia, dêsse dias grizalhos, esfumantes, que esgaçam o movimento das ruas, encontrei-a só em pleno tumulto da cidade. E, impulsivamente, achei-me deante de si, falando-lhe, com um cômico acentuado, do pseudo despeito que me tinham atribuído. Ela, porém, ainda que com atitudes não menos simíais, de defensiva, desdenhou-me que, por feito, tivésse concordado a êsse respeito com o grupo.

Foi o rastilho dos diálogos subtis,

mordentes, que começámos a trocar, em encontros furtivos, improvisados, como o de certos bichanos hóstis e cobardes. Durante um dêles, animado com o duelo das palavras e os seus trejeitos especiosos, acompanhei-a até à porta de casa.

Quíz que eu entrasse, para vêr, para me certificar da simpleza com que vivia, e também porque já recebia o Enes, então mais comprometedoramente. E eu acedi, sem cerimónias burguesas, com um sorriso escarninho.

Como já fôsse noite, acendeu luz numa salinha familiar, de confôrto discreto, socegado como de facto não supús sêr o da sua casa. E aí, descaindo o casaco para os ombros num desleixo de intimidade confiante, estava ela dando-me uns conselhos contra a pontinha de demasiado, descabido orgulho que via em mim. E essa familiaridade, discreta, a meio-tom, em que o bulir dos seus olhos, meudos como os seus gestos, deu uma vida misteriosa, suspeita à infexão das suas palavras, levou-me a retirar de uma forma confusa, burlêsca, com que me pareceu ela ficar a rir-se de mim.

Então dispus-me a visitá-la em breve, de ânimo desatendido, mesmo desatencioso, irónico. Mas fui encontrá-la dizendo-se doente, e, com efeito, um pouco estiolada na sua quási-nudez frágil, de boneca, com que me recebeu em roupão, traçando uma perna delicada e descerimoniosa. Depois confessou-me não aparecer já de há tempos no grupo. E fui eu o culpado de tudo, não me contendo de lhe dizer:

— Você desculpe, mas eu acho-os uns autênticos farsantes!

Debatêmo-nos a propósito. Ela teve inperitigamentos de bicha a que pizam a cauda, risinhos de mófa, trejeitos muito vivos, eléctricos, ditinhos acerados, em que os seus olhitos fuzilavam sob o trémulo doirado das pestanas. E, não sei como, vimo-nos de pé, frente a frente, como galos. Repelimo-nos; e, como se uma faisca saltasse entre nós,

engalinhâmo-nos entre garras convulsivas e beijos vorazes.

Por fim, exaustos, caídos como destroços, ela vociferou ainda, surda, esgadelhada:

— Podes ir gabar-te desta proêsa, porque és um cobarde!

— Cala-te, cala-te — supliquei-lhe, dócil. — Nem eu quero que voltes mais para êles!

Compreendeu-me, e logo, como se a aventasse um sangue novo, estreitou-me a si, sugando-me a face com um beijo de loucura.

Assim começou a nossa ligação, ora fremente de carícias rapâces, como se fossemos prêsas dóceis um do outro; ora suspensa de expectativas incrédulas, ora interrompida de desânimos densos, exaustos, cada um para sua banda, numa quebreira de reptis adormentados. Foi numa destas atitudes, em que só os nossos pensamentos continuavam vigilantes, que lhe ouvi num grande desabafo:

— Mas como pude ser tua, se era contigo que menos simpatizava!

E, como eu, carrancudo, nada lhe tornasse, acentuou-me:

— Agora o que vai ser de mim? Sim, porque tu sempre és homem...

O que queria dizer com isso? Tais refrêgas íntimas davam-se com freqüência depois de sairmos juntos, receando ela, ostensivamente, que alguém do grupo nos visse; e, acusando-me a todo o momento de fixar outras mulheres, era eu que a via quási provocar outros homens. E, para acabarmos com êsse inferno, saímos um dia separados, sem um beijo.

Embora fizesse por moer, pelas ruas, o maior número de horas, quando entrei em casa, ainda ela não estava. Entrou em seguida, como um pé-de-vento, para vir dizer-me:

— Felizmente, no grupo ignorasse tudo.

Sustive-a em respeito, com um gesto cheio de firmesa, lembrando-lhe que a proibira de lá aparecer.

— E' para te gabarolares à vontade? — tornou, voltando-me umas costas impertinentes, malcreadas.



# Salão de Humoristas Luso-Hispanicos

que organisa a Sociedade «AMIGOS DA ARTE», de Vigo

## BASES

- 1.<sup>a</sup> Poderão tomar parte neste Salão todos os artistas portugueses e espanhoes. Os artistas residentes nesta localidade que não sejam socios dos «Amigos da Arte», poderão fazel'o sempre que se inscrevam e paguem trez mezes de cota.
- 2.<sup>o</sup> Cada artista poderá apresentar até seis obras e cada uma delas —incluindo o caixilho — não deve exceder de 50 X 50 ctms., ficando ao seu arbitrio a eleição da qualidade de processo para a sua execução.
- 3.<sup>o</sup> O preço de cada trabalho não póde ser inferior a «cincoenta pesetas» nem superior a «duzentas e cinquenta».
- 4.<sup>o</sup> As obras apresentadas serão submetidos a um jury de admissoão.
- 5.<sup>o</sup> As esculturas caricaturescas

devem sêr apresentadas em matéria definitiva.

- 6.<sup>o</sup> Não será aceite nenhum trabalho com significado político ou religioso.
- 7.<sup>a</sup> No caso de venda, revertirá a beneficio da Sociedade «Amigos da Arte» a percentagem de 10% do valôr das obras, para contribuir ás despezas da Exposição.
- 8.<sup>a</sup> As despezas de remessa e devolução das obras pertencentes a artistas com residência fóra dêsta cidade, serão por conta dêstes, sendo necessidade indispensável nomear um representante que se encarregue das mesmas, no caso de que o expositor não esteja presente.
- 9.<sup>a</sup> O praso de admissoão das obras termina no dia 20 de Março próximo devendo estas ser dirigidas

em nome do Snr. JOSE DIAZ ESTENS, Presidente da Sociedade «Amigos da Arte», Calle de Policarpo Sanz n.º 52, indicando em sitio bem visível: «Para o Salão Humoristas».

- 10.<sup>o</sup> As obras não vendidas ficarão à disposição dos seus auctores durante um prazo de quinze dias, a contar desde aquela em que se feche a Exposição. Passado este praso a Sociedade «Amigos da Arte», não responde por nenhuma delas.

VIGO 1 de Fevereiro de 1955

Pela Sociedade «Amigos del Arte»  
O COMITÉ ORGANISADOR

*NOTA: O Jury de admissoão terá a seu cargo a colocação equitativa das obras a expôr e a sua decisão será inapelável.*

E não voltou a sair, guardando entre nós uma reserva fria, irónica, em que, pelas nossas tardes, onde sempre se imcubava uma tormenta, me dizia:

— Sai tu, se quizeres... E's o senhor, e podes ir onde te apetecer.

Mas eu não saía. Até que, numa dessas tardes, o Enes entrou pela casa, distribuindo-nos cumprimentos e apropósitos de camaradas, a que a vi corresponder francamente, pondo-se ambos a usar, mesmo abusar, de grande familiaridade, como se eu não contasse ali, nem sequer existisse. Também, só quando de novo fiquei apenas com ela, lhe ponderei, lento, comedido:

— Far-me-às o favor de escolher: continuarmos como até aqui, ou deixares de receber êsse senhor... cortares, mesmo, a familiaridade que tens com êle.

— E' a tal coisa — replicou-me, de esguelha, provocante. — O que tu queres é que êle saiba tudo, que todo o grupo o saiba... que és meu amante e senhor!

— Tens bom remédio — fiz vêr.

Ouvi-lhe ainda, como a rematar;

— Quando quizeres...

E dei-me a procurar, ao acaso, sem rumo, com gestos descontraídos, o meu chapéu. Porém, quando já saía, dei com ela barrando-

me a porta, os braços abertos, hirta, como crucificada numa cruz de tendões, apenas os olhos fuzilando, ao dizer-me:

— E' para os braços dêle, ou de outros, que pretendes atirar-me agora, depois de saciado? Talvez, talvez, porque é assim que acabam os caprichos!

E deixei-me ficar, abati algures, sentindo as suas mãos, os seus lábios, os seus braços multiplicarem-se á minha volta, como os tentáculos envolventes, anelantes, sugadores, de um pólipó monstruoso, febril.

Então modificou-se completamente, apenas ainda irónica, mas alegre, destrambelhada. Já não podia, exigia-me que saísse, quasi me tomava entre os braços e vinha despejar-me fora da porta, numa desopressão de garras que se abriam, libertas, como asas.

E eu então caía, tomado, arrepanhado por uma suspeita, a que procurava desembaraçar-me, fugir, quasi à noitinha, quando voltava como um cão acossado, vinha ela lançar-se sobre mim, de improviso, no escuro e, farejandome com o seu hálito quente, passando-me de carícias crispadas, dizia:

— Que cheiro a outra mulher... que cheiro! Depois não te admires...

E, com efeito, furtava-se-me com os braços, rindo-se nervosa, epileptica.

Dei-me, pois, a espia-la secretamente, miseravelmente; e, descendo a esta, descobri a grande vileza. Ela recebia o Enes na minha ausência; e pareceu-me ouvir o seu riso estérico propagar-se, burlescamente, a todo o grupo, numa farsada de escárneo, sob que senti rolar feito um frangalho de irrisão.

Mas logo me contive, férreo, automático, Assim entrei em casa, e, quando ela quiz lançar-se sobre mim, simiêsca, burlona, arremessei-a para longe, com áscro.

Por terra, quebrada como um reptil, contorceu-a ainda um rir convulsivo, em que se levantou de um salto. Tentei repeli-la mais uma vez cheio de ódio, mas em vão. Os meus braços anelavam-me, duros como tenazes, que os meus dedos, enclavinhados, não abriram. E as últimas golfadas do seu riso electrizado, deixaram-na aderida a mim, como ossificada. Só a cabeça lhe descaíu para a nuca, num espásmo caótico, mortal, em que lhe ouvi, entre os dentes cerrados, como as suas palavras:

— Amorsinho...



# O FADO

## Interrogatório a duo entre MADALENA DE MELO e JOSÉ PORFIRIO

— Porque motivo se diz que o Fado tende a desaparecer? Madalena responde sorrindo, e diz-nos simpaticamente.

— Porque o Fado tem inimigos, tem detractores que dizem mal d'êlo, porque dizem mal de todos, porque o não sabem sentir, porque o não sabem compreender...

— O Fado será uma canção autenticamente Nacional, ou um producto importando como o pretendem certos e determinados pesueudos conhecedores?

Responde José Porfirio.

— O Fado é Nacional, e absolutamente Português, porque é filho do nosso sentir, porque está enraizado na alma lusitana sem vislumbres de artificial, mas com a franqueza que caracteriza e define um Português.

— Qual o genero: de letra fadista Madalena, e bem fadista por sinal, que mais prefere nos poetas portugueses?

— O genero popular em estilo de Augusto Gil, o poeta que em

simples quadras mais soube descrever a alma nacional.

— Que pensa você, José Porfirio que seria necessário tentar, para conduzir a Canção Nacional ao lugar a que lhe pertence, e a que merecidamente tem jus?

## O sábio Dr. Gomes Teixeira

Portugal devia considerar-se de luto — pela morte do grande matemático Dr. Gomes Teixeira.

Dr. Gomes Teixeira, que na cidade Invicta se finou — era uma autentica celebridade mundial.

No estrangeiro o seu nome, andava de braço dado com os maiores vultos da ciência.

Portugal com o seu desaparecimento perdeu aquêlo que era considerado um verdadeiro Sábio.

Desde muito novo foi o grande mestre de matemática.

Ainda há um ano, com os seus 82 anos, o grande sábio iluminou com o seu vasto saber, as salas da douta Academia das Ciências de Lisboa, que bem precisava que a sua atmosfera fôsse arejada da verdadeira ciência.

E o sábio Dr. Gomes Teixeira

Penso que todos que o cultivavam haviam de sentir vibrar dentro do peito o amor que se lhe deve tributar, porque nos pertence, porque é nosso muito nosso, como a posse duma mulher que nos quer e a quem muito sinceramente amamos.

— E... como o espaço é curto, embora muito mais houvesse para dizer, nada mais nos dizem êstes dois simpaticos cultivadores duma Canção, que muito embora amesquinhada e deturpada por ridiculos e mesquinhos caluniadores, continua no entanto a ser o baluarte nas horas de incerteza da alma lusitana.

talvez pensando nisso, num excesso de modestia, desejando insuflar luz onde há só pobreza de espirito, de ciência e de arte, mas em compensação o elogio ás toneladas não falta, veio do Pôrto, e em duas maravilhosas tardes, no Instituto dos Altos Estudos, realisou as suas magistraes lições sobre as matematicas.

Mas o Dr. Gomes Teixeira reitor honorário da Universidade do Pôrto lente jubilado, sócio emérito da Academia, sócio de vários Institutos e Academias estrangeiras, não era só um sapientissimo matemático, foi tambem um grande escritor.

Os restos mortais do insigne sábio, repousam desde o dia 11 de Fevereiro na igreja de S. Cosmado de Armamar, sua terra natal.

Paz à sua alma.



Nem todos os bebés bonitos são bebés  
**NÉSTLÉ**, mas todos os bebés **NÉSTLÉ**  
são bebés bonitos.



# OS INCOMPETENTES QUE DIRIGEM

## E A SUA FUNESTA INFLUENCIA EM TODOS OS RAMOS DE ACTIVIDADE

A cada passo, no dificultoso caminho da vida profissional, nos surpreendem obstáculos, de uma tal diversidade de naturezas que, por vezes, a não possuíremos uma organização absolutamente complexa e predisposta, sossobramos irremediavelmente, ante a sua persistente teimosia.

Porém, de todos os escolhos que surgem no abstracto emaranhado das actividades vitais, a dentro do profissionalismo, em qualquer das suas modalidades, o mais dificilmente redutível, o mais abrupto, o mais prejudicial, é, sem dúvida, o da «incompetência que dirige»

E' contra as arestas vivas deste escolho, que se fragmentam e se desfazem, na maior parte dos casos, as forças dispendidas num sentido amplificador da boa produção. E' contra êle que se amolecem e se esgotam as inergias mais viris de muitos cérebros e de muitos braços. E' contra êle que se gastam séculos de actividade infrutífera, êle a mais funesta peia do progresso e da realização.

A «incompetência que dirige» é sempre dogmática: não se discute, porque não admite discussões. Sendo teimosa é irreductível, porque se alicerça nas anomalias sociais, nos convencionalismos políticos de todos os dias, que sobrelevam a mentalidade humana, opondo-se fatalmente aos resultados de um juizo criterioso.

Na vida pública, o «incompetente que dirige» está sempre disposto a aplaudir a política predominante, está sempre de acôrdo com ela. E' politicamente ambíguo por conveniência e essa ambiguidade é, afinal,

o seu sustentáculo — poderoso sustentáculo!

Procura angariar e manter amizades hipócritas em todos os partidos, oferecendo trinta mil présimos a uns e a outros. Depois, conforme as conveniências, vai-os renegando sucessivamente, mas na sombra, na própria sombra que projectam, pois é natural que volte a precisar deles.

## Semana Portuguesa



### EXPEDIENTE

Assinaturas para continente e ilhas:

Ano ..... 45\$00

Semestre. .... 23\$00

Trimestre . . . . 12\$00

Número avulso. . . 1\$00

Para Africa e estrangeiro acrescido do porte de correio e registro.

Ai daquêle, porém, que caiu definitivamente! E' «in loco» e miseravelmente abocanhado pelo «adepto» de ontem, que não perde a oportunidade para demonstrar a sua «solidariedade» com os outros, «os que ainda se mexem» e podem, um dia, dominar! Mas demonstra-o cautelosamente, valendo-se de quantos ardis ao seu alcance; agora a êste, mais tarde àquêle, muito em particular, não se vá descobrir a sua ignominiosa tarefa!...

O profissionalismo público é o coito dos grandes incompetentes. E' aí que êles se alojam mais comodamente, com maior segurança e mais probabilidade de êxito, pois a «blindagem» é inviolável.

Conscios da sua própria incompetência, aniquilam então os bons esforços dos inferiores hierárquicos, dominados pelo receio de que o resultado desses esforços, venha a saber-se que não é produto seu.

A tensão latente de aniquilar é uma das características inconfundíveis do seu «eu»; faz parte da sua natureza paradoxal.

São, na generalidade, hábeis plagueários, mas tudo quanto produzem é superficial, frágil, apenas com valor aparente; é quanto basta, afinal!

Eis porque a sua influência é funestamente retrógrada; eis porque representam um formidável obstáculo no caminho de muitos que, bem intencionados e seguros do seu valor, desejariam contribuir — embora muitas vezes anónimamente — para o progresso e engrandecimento da Nação.

Manuel de Sacadura Bretes

Transcrito do Diário de Coimbra



# PELO SPORT

## A 1.ª JORNADA DA 2.ª VOLTA DO CAMPEONATO DE LISBOA DE FOOT-BALL DEU-NOS 3 EMPATES E UMA ÚNICA VITÓRIA - A DO BENFICA

### Casa Pia 1 Sporting 1

Ainda desta vez o Sporting não logrou mais do que um empate, «goal» obtido no segundo tempo por intermédio de Valadas.

O encontro teve características idênticas ao da 1.ª volta; uma primeira parte equilibrada e um segundo tempo de franco domínio do Sporting.

#### O jogo:

Às 15 e 40 os «teams» alinham como se segue:

Sporting — José Luiz; Serrano e Jurado; Varela, R. d'Araujo e Faustino; Abrantes Mendes, Luiz Gomes, Gralho, Fonseca e Valadas.

Casa Pia — Roquete; Conceição e Donga; Barata, Lobato e Justiniano; Luiz Fernandes, Simão Diogo, José da Silva, Saraiva e Daniel.

O Casa Pia lança-se com energia ao ataque obrigando a defesa do Sporting a intervenções continuas.

Este seu domínio é premiado aos 12 minutos com um «goal» de Saraiva, que aproveita uma bola vinda de José Luiz.

O Sporting começa reagindo e procura mudar a feição do jogo.

Ruiz, justiça lhe seja feita, foi incançável, indo buscar a bola a todo o lado para a colocar em boas condições nos pés dos seus companheiros da frente.

O Casa Pia acusando a pressão do adversário concede alguns cantos que são bem defendidos por Roquete.

Fonseca serve em boas condições Valadas, mas este jogador, pouco decidido, não corresponde às intenções do seu interior.

Mendes, na direita, está sendo mais energético, tendo alguns centros de boa marca.

Porém os casapianos não desanimam. Jogando sempre com grande

vontade, as suas avançadas são sempre perigosas e com um pouco mais de chance, teriam marcado ainda mais uma bola.

Ocasões houve em que só o factor sorte salvou o Sporting.

■ ■ ■

Os leões vêm para o segundo tempo com vantagem do vento forte que soprava.

A história desta parte, apresenta-nos nas suas linhas gerais; um «team» a atacar e outro a defender-se.

José Luiz apenas duas ou três vezes foi chamado a intervir.

Os «leões» jogaram todos ao ataque forçando até final o resultado, rematando sempre que tiveram ocasião, mas quasi sempre a dentro das possibilidades de defesa.

E' preciso notar que não pretendemos tirar o valor a algumas defesas do «goal-keeper Roquete muito pelo contrario, pretendemos simplesmente frisar, que os avançados leoninos, obrigados pelos seus halfs a um assedio constante ás rédes do adversário, não souberam aproveitar as ocasiões em que podiam ter rematado fóra do alcance do guarda rédes.

Por isso o Sporting teve de contentar-se com o empate, resultado este que só conseguiu aos 28 minutos.

Nos ultimos minutos o Casa Pia é castigado com um «penalty».

Jurado marca o castigo francamente mal.

Não compreendemos a razão porque Faustino, que tem um pontapé forte e com boa direcção, não foi o escolhido.

Arbitragem a cargo de Américo Gomes, embora com alguns erros, foi contudo imparcial.

#### Categorias inferiores:

Victorias do Sporting em 3.ª, 2.ª e Reservas, respectivamente por 3-1, 4-0 e 1-0.

A. F.

Com três empates e uma vitória iniciou-se no passado domingo a 2.ª volta que só daqui a um mês terá continuação. Belenenses Carcavelinhos. Barreiro, Luso; Sporting e Casa Pia empataram mas alterando as suas classificações no campeonato, excepção feita ao Sporting que embora continue á frente, perdeu no entanto a vantagem de marchar isoladamente, com um ponto á maior, sobre o segundo clasificado.

Barreirense e Luso fizeram um jogo que deixou poucas saudades pela dureza e incor-

### RUGBY

Campionato de Lisboa. Em rugby o Ginásio bateu o Carcavelinhos por 13-0 consolidando assim a sua posição de «leader».

### PING-PONG

Realizou-se no Sport Club Amoreiras um torneio de «ping-pong», para a disputa da taça «Julião do Nascimento» inter-sócios.

Classificação:  
1.º — Fernando Costa,  
2.º — António Pinto,  
3.º — Artur do Carmo.

### PUGILISMO

O campeonato mundial dos meio-medios

O Campeonato do Mundo de Box, da categoria dos meios-medios, foi ganho por Young Corbert, aos pontos, num combate em dez assaltos com Jackie Fields.

reção com que foi disputado. No Casa Pia Sporting o arbitro, Snr. Américo Gomes foi no final do jogo agredido por alguns senhores claro está que não são os club que tem a culpa dos desvarios praticados por esses senhores, mas seria sempre bom que as direcções dos clubs a que esses discolos pertencem procurassem evitar que estes casos se continuem dando. A destacar a atitude de Gralho jogador do Sporting pela protecção dispensada ao arbitro evitando mesmo que ele fosse agredido com uma garrafa.

### HOCHEY

Campionato de Lisboa. Em hochei o Benfica empatou com o Carcavelinhos em categorias de honra por 0-0 e venceu em 2.ª e 3.ª categorias.

Benfica 4  
União 0

Os teams entram em campo dando inicio á partida o sr. Manuel Marques, que fóra do seu hábito, foi bastante deficiente na primeira metade, melhorando contudo na segunda.

Alinharam pelo Benfica: Conceição; Germano e Oliveira; Correia, Albino e M. Oliviera; Diniz, Xavier Victor Silva, Rogério e Pinto.

Pelo União: Carlos Silva, Almeida e Viriato, Manuel da Silva II, Jaime Rodrigues e Manuel da Silva I, Gerardo, Benjamim, Armando Silva, Valentim e Mourão.

Os grupos decidem-se para a lucta, saindo o Benfica que consegue logo de entrada uma boa avançada rematada por Dinis, que reapareceu

mas se perde pelo efeito do vento. O União dá a replica, surgindo o remate dum jogador desmarcado, que o arbitro não assinala. Nova avançada do Benfica, que Dinis centra com cuidado, aproveitando Xavier para marcar imparavelmente o 1.º ponto para o seu club.

Logo de seguida, outro ataque delineado pelo avançado centro vermelho que passa a Dinis, inter-nando-se este para devolver a bola a Victor que deserto em frente de Carlos Silva, a enfia nas redes.

Seguem-se mais umas fugidas dos vermelhos que o União, não consegue suster, apesar de jogar a favor do vento, findando assim a primeira parte com o resultado 2-0.

Na segunda parte, o dominio do Benfica acentua-se ainda mais, tendo a defeza unionista bastante que fazer para suster a «alma vermelha».

Victor ainda enfia a 5.ª bola utilizando um passe de Diniz e a 4.ª o ponta esquerda, Pinto.

Nos ultimos quinze minutos, o União tenta um goal de honra, por intermédio do seu ponta esquerda Mourão, mas a falta de ligação dos seus evançados e a constante atenção da defeza adversa, impede que consigam o seu intento.

Resultado das categorias inferiores:

Reservas: Benfica — 3 União-0  
2.ª: Benfica — 1 União-0  
3.ª: União — 1 Benfica-0

A. PINTO

Belenenses 1  
Carcavelinhos 1

O Belenenses que há oito dias havia batido o Carcavelinhos em sua casa, por 5-1 não conseguiu neste jogo reeditar a proeza tendo-se visto em sérios embaraços para conseguir o empate o qual, só surgiu quasi no final graça a um expelendido esforço de Heitor. O jogo que foi pobre em «associa-

ção» forneceu um dominio absoluto do Belenenses que só devido a grande energia e combatividade da defeza alcatarense não conseguiu uma margem de goals que desse uma ideia do dominio que exerceu.

Os «teams» tinham as formações seguintes.

Belenenses: Morais; e Beio; Almeida, A. Silva e Cesar; J. Ramos Heitor, Rodolfo, Bernardo e J. Luiz.

Carcavelinhos: Categoria inferiores victorias do Belenenses em Reservas, 2.ª e 3.ª categorias por 4-2 7-5 e 2-1 respectivamente.

A. M.

Barreirense 1  
Luso 1

Os dois rivais da outra margem voltaram a empatar tal como tinha sucedido na 1.ª volta, apresentando-se mesmo o jogo com características do anterior; dominio e melhor técnica da parte do Barreirense, muita fogosidade da banda do Luso e bastante violéncia de ambos, os grupos aprasentaram as seguintes constituições.

Luso: Vidal; Pireza e Padrão; Eerreira Eurau e Martins; Duarte, Armando Preto, Soeiro e M. Santos.

Barreirense: Camara; Leonel e Vieira; R. Jorge P. Pireza, Carvalho, J. Pireza e Nunes Arbitrou Rafael Fernandes que cumpriu Categorias inferiores.

Reservas: empate 0-0 e em 3.ª victoriado Barreirense por 4-0.

2.ª categorias Barreirense venceu Chelas por 14-0.

J. P.

### Agradecimento

A' Direcção do Sporting Club de Portugal agradecemos a cedência de cartões de livre transito no seu campo de jogos.



# Questões político sociais

**Q**UANDO, no nosso paiz, se trata de questões sociais, não é raro ouvir dizer-se, que são puras teorias, que só daqui a trez seculos poderão têr uma solução. E, contudo, nenhum assunto foi ainda mais actual e palpitante do que este. A emacipação da mulher, a emacipação do proletariado, a emacipação dos povos, preocupam hoje todos os espiritos e estão, por toda a parte, na ordem do dia — na America como na Europa; na Inglaterra, como na Alemanha, como na Russia, como na Belgica, como na França. Ousamos mesmo dizer que são estes os únicos assuntos que, actualmente, se ventilam e discutem e para os quais se procuraram soluções prontas e immediatas, afim de evitar, no futuro, um grande cataclismo social.

Durante muito tempo, os povos deixaram-se absorver exclusivamente pelo emperismo politico e foi esse o factor que mais contribuiu para a desmoralisação geral e para a perversão dos caracteres. A politica tornara-se uma profissão e o politico um elemento corrotor. Adotava-se um ou outro partido, segundo as vantagens pessoas que daí podiam derivar. Alcançar os fins, fossem quais fossem os meios — tal era o lema dos partidos, organizados no único intuito de explorar o Estado em beneficio próprio. O resultado foi que a politica, em vez de um sacerdocio e de um apostolado se converteu em expolição industrial e em lucro ganancioso. As ambições desmesuradas criaram a confusão nos partidos. Os sucessivos abusos e as delapidações tornaram o publico desconfiado, incrédulo e indiferente. As dívidas aumentaram; os tesouros, já do si, subcarregados com as despesas de guerra não podiam comportar esse outro exercito de burocratas, apoio, e sustentáculo dos governos e das instituições. O número dos descontentes foi crescendo e engrossando. A mocidade, horrorisado da politica, procurou um deai fóra dos grupos e das sinicuras officiais. Com

a crise económica e financeira, surgia a bancarrota dos partidos.

O radicalismo não comprehendera a sua época, nem a sua missão histórica; e foi assim que a democracia social se impôz, como elemento de transformação politica e de remodelação partidaria.

Os anos decorridos têm sido para todos proficuos em lição e em ensinamento. A indiferença justifica-se pelas desilusões de que o povo tem sido victima. E o horror que a mocidade tem pelos politicos e pela politica é perfeitamente explicável, se atendermos aos acontecimentos dos ultimos tempos. A politica, que devia significar tolerância e generosidade, transformam-se em rivalidades mesquinhas, em ódios, em invejas e em tórpes e vis calunias; a politica que devia corresponder a um ideal e a um principio redentor, converteu-se em ambições de coteries e em instrumento de corrilhos. É mistér que a transformação seja radical, alterando as condições de vida de cada povo. E esta convicção, que é geral, só a não comprehendem os países atrasados e as mediocridades envaidecidas. Eis o motivo porque se me afigura que a evolução segue logicamente o seu curso.

A obra Internacional é comum e tem por fim a conquista da egualdade social, mas essa egualdade, nunca poderá ser alcançada senão pela extinção de todos os monopolios, e de todas as iniquidades. O ideal moderno é por isso mesmo, um ideal de justiça e de emacipação. A emacipação do individuo corresponde logicamente à da familia, à emacipação da familia a da sociedade, à da sociedade a dos povos e finalmente a emacipação da humanidade.

Na humanidade livre e emacipada estará pois, em nosso juizo a solução do problêma.

«Da Obra Internacional»

SEBASTIÃO DE MAGALHÃES LIMA

## TRÊVOS DE 4 FOLHAS

Inédito de JOÃO NETO

Perguntas-me o que é saudade?!...  
Apenas o sei sentir.  
— Há coisas que na verdade  
Não se pódem definir.

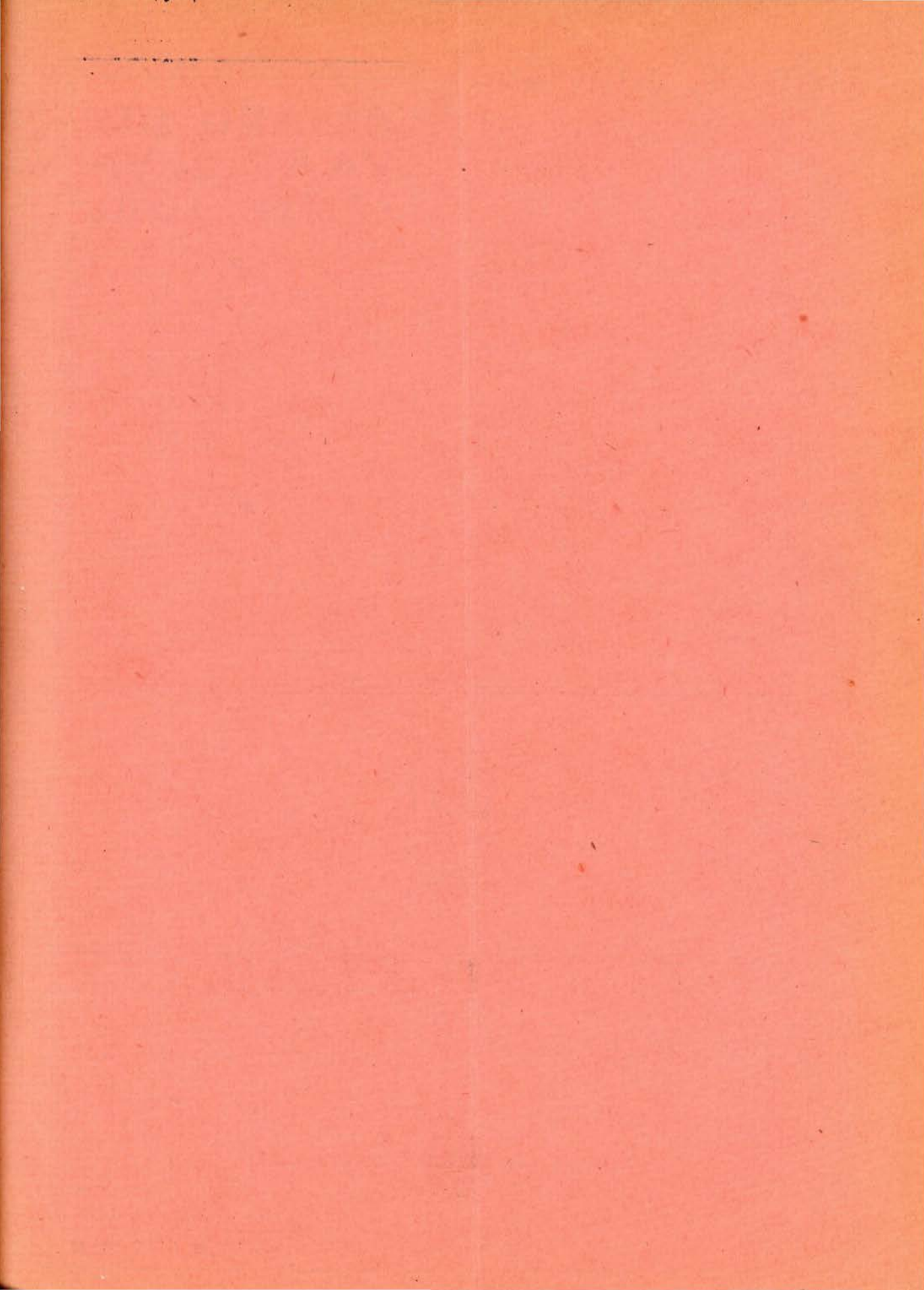
Ter saudades é lembrar  
Tudo aquilo que morreu.  
É querer avivar as cinzas  
De um fogo que há muito ardeu.



A saudade, fogo ardente  
Das almas apaixonadas,  
É um relógio presente  
Batendo as horas passadas!

Um trevo de quatro fôlhas  
Fé, Esperança e Caridade...  
— Batisei a quarta fôlha  
com o nome de saúde.







# HASSE, LIMITADA

Comissões e consignações

CALÇADA DO GARCIA, 3 e 5 (ao Rossio)

Telefone 26640

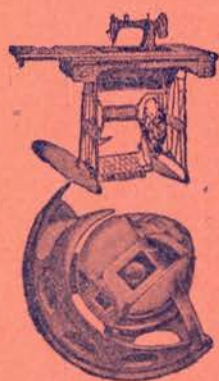
LISBOA - PORTUGAL



Armazem de borrachas em obra especialidades em artigos para farmácias e hospitais, depositário de cintos, ligas, suspensórios, marea SEMPERIT e dos preservativos Imperial. Representantes para Portugal e Colonias das atamadas máquinas de costura

## Haid & Neu

Armazem de peças e acessórios para máquinas de costura de todos os fabricantes



# ALVARO SILVA & J. B. VICENTE, LDA.



Trabalhos tipográficos para o comércio e para a indústria ■ Livro ■ Jornal ■ Revista

Orçamentos grátis



OFICINAS: 94, RUA LUZ SORIANO, 94 ■ LISBOA  
TELEFONE AUTOMÁTICO 28650



## as anilinas «Jacobus»

Para tingir em casa, são as melhores e as únicas garantidas. ■ Vendem-se em todo o país, mesmo na mais remota aldeia.

Depósito Geral só por atacado

SOCIEDADE DE PRODUTOS QUIMICOS, LDA.

■ CAMPO DAS CEBOLAS, 43, 1.º ■ LISBOA ■